

As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico¹

Suely Kofes

Professora Titular no Departamento de Antropologia, LA'grima, IFCH – Unicamp

skakofes@gmail.com

Resumo

Trata-se neste artigo ensaístico de sugerir o deslocamento da ênfase posta na relação entre antropologia e escrita para a de antropologia e suas grafias.

Palavras-chave: grafia; escrita; descrição; imagem; estética.

Abstract

My intention in this article-essay is to suggest the shift of the emphasis on anthropological writing to the anthropology and its graphies.

Keywords: graphy; writing; description; image; aesthetic,

I.

O apêndice II, do livro *Coral Gardens and their Magic*, tem um título curioso, traduzindo literalmente, “Confissões de ignorância e de falhas” (Malinoswski 1965: 452-482). Nele, Malinowski confessa que desde os Argonautas ele se dera conta de que escrevera

1 Este texto foi escrito para uma conferência e foi o que eu chamei de um primeiro movimento seguido de outro, não incluído aqui, que analisa a biografia de Ishi do ponto de vista do conceito de meshwork.

naquele livro um capítulo sobre o método, mas nele não apontara os erros, as lacunas da sua pesquisa. Desde então prometera a si mesmo não repetir este erro. Para não interromper a narrativa de interesse mais geral com essas informações reflexivas, que seriam importantes apenas ao especialista, conforme ele, a escolha de Malinowski foi um apêndice onde lemos o que não teria sido devidamente observado por ele, o que não foi perguntado, a falha em não organizar as informações enquanto ainda em pesquisa de campo, os gráficos não feitos, as fotografias aleatórias e não sistemáticas como meios de descrição deixando-se levar por tomadas dramáticas, atentas ao excepcional e ao extraordinário. Por exemplo, a foto de doze homens sentados em frente a uma cabana é semelhante a uma foto dos mesmos doze homens no trabalho do jardim, a imagem com a mesma pose anularia os distintos contextos. Finalmente, ele continua a confissão de que não teria analisado mais aprofundadamente a presença europeia na deterioração do poder do chefe, as influências dos missionários, dos comerciantes, da introdução de implementos agrícolas na agricultura. O que conforme Malinowski indicaria mais um compromisso com a visão de um nativo original do que com aquele que ele encontrara já modificado pelo contato cultural e pela mudança. Mas, apesar do título do Apêndice, estaríamos mesmo lendo uma confissão?

O tom da escrita de Malinowski nessa revelação de erros e omissões se aproxima mais de uma reflexão dos limites do seu método. Os erros, os equívocos, as dúvidas, as dificuldades de tradução mostram-se mais como críticas necessárias ao aprimoramento de um método. Lidos conjuntamente, a introdução de *Os Argonautas* (Malinowski 1976: 18-34) e o Apêndice do *Magic Gardens*, notamos que a primeira é mais normativa, prescreve, traça as regras do método a ser seguido; no segundo, entretanto, o como fazer aparece como conselhos do que precisa ser levado em conta para evitar erros, mas ainda se trata de esboçar um método. Digamos então que há uma confissão e um método, e que Malinowski no anexo do seu admirável livro nos oferece as suas confissões metodológicas, formulação que é para muitos um oxímoro.

O importante a considerar é que um livro publicado em 1935 remete ao livro de 1922, e cria uma linha de conexão entre os dois livros por meio de um parêntese aberto no segundo, para uma conversa sobre pesquisa e o modo de sua apresentação. A conversa é tão direta que o leitor do Apêndice do livro *Coral Gardens* é subsumido como leitor de *Os Argonautas*.

Poderíamos dizer que Malinowski faz aqui o que Strathern diria depois sobre a evocação da pesquisa na escrita? Se o for, trata-se de uma evocação à trois, a relação complexa entre a pesquisa e uma escritura em outra escrita, que afirma por meio de

uma retórica evocativa a importância do método como correlação entre teoria, pesquisa e escrita, comprometidas com a acuidade descritiva. A magia deste Apêndice estaria na expectativa de que a escrita antropológica (estou propositalmente singularizando esta escrita em relação à escrita em geral) faça o que dizem que a escrita não o conseguiria, o controle do elusivo.

Este é um preâmbulo para problematizar o que tem sido tema de tantas discussões, a relação entre antropologia e escrita, ou a escrita antropológica. Para isto, é preciso, primeiro, reconhecer o estatuto um tanto movediço do que entendemos, por escrita antropológica. As anotações durante a pesquisa? O diário de campo? O rascunho? O texto publicado? Os desenhos, gráficos, notações musicais, sinais fonéticos, fotografias presentes nos textos antropológicos estariam englobados como escrita? E, trata-se de uma escrita cujo regime deve submeter-se a cânones científicos?

No primeiro capítulo de Naven, intitulado “Métodos de apresentação” (Bateson 2006: 69-72) Bateson evoca um viajante e dois romancistas e nos diz que há dois métodos possíveis para apresentar uma cultura em sua totalidade, de modo a permitir que cada detalhe se mostre como consequência natural dos outros. Deve-se notar que o problema é o de como melhor apresentar o que a pesquisa lhe deu a conhecer. Para Bateson, há dois métodos para tal apresentação: um pelo uso de técnicas artísticas, outro pelo uso de técnicas científicas. Os dois métodos difeririam em um ponto fundamental. Na descrição artística, diz ele, muitas das premissas e inter-relações das partes ficam apenas implícitas. O artista descreveria a cultura, mas as suas premissas e as inter-relações que a compõem ficariam implícitas na composição. As palavras que emprega seriam escolhidas mais pela relevância da sonoridade do que pelo significado de dicionário e pode agrupá-las e realçá-las de tal forma que o leitor quase inconscientemente receba informações que não estão explícitas nas frases.

Entretanto, ele diz “Ao lermos *Arábia Deserta*, ficamos admirados com o modo extraordinário pelo qual cada acontecimento é caracterizado com o tom emocional da vida árabe” (Bateson, *op. cit.*: 70). Este tom emocional, diz Bateson é parte do que torna este acontecimento distinto de outro, e mesmo o torna compreensível. Este tom emocional, ou o ethos, faz o elo entre a estrutura e a operação da cultura. Ora, muito sutilmente, sem o tom de manifesto, o que Bateson está afirmando é a complementaridade das duas técnicas, a artística e a científica.

Para Georges Balandier (1994) haveria duas modalidades extremas de escrita, a escritura acadêmica e a escrita subjetiva, a primeira, que se adquire pela aprendizagem, depois pela prática da disciplina, obedece as regras estritas, exigência de demonstração

por meio de provas, um léxico, noções, conceitos que formam um vocabulário técnico, um jargão esotérico para os profanos. Escrita em que o profissional se mostra, em oposição à escrita subjetiva, com a qual a pessoa se mostra. Há então em Balandier uma oposição epistemológica entre as duas escritas.

Mas, sabemos, há razões de ordem política e estética que modificam a escrita, e, em consequência, há textos antropológicos que não derivam nem de um nem de outro dos dois extremos. O romance etnográfico, o ensaio, um texto de experimentação, que incorporam tanto uma prática competente quanto uma prática expressiva, ampliam as possibilidades. Trata-se da escrita antropológica que encontra o seu ponto de fuga, motivada por inquietações epistemológicas, experimentações estéticas ou pessoais. Possibilitadas ou não por políticas acadêmicas e editoriais. No primeiro caso, normas que restringem experimentações, no segundo caso até mesmo fazendo da narrativa de experiência antropológica um gênero editorial. O que é conhecido, aliás, como o segundo livro. Como exemplos, e há outros, *Corps pour corps* (Favrelet-Saada 1981) após *Les mots, La mort, les sorts* (Favrelet-Saada 1977); *Les Lances Du Crepuscule. Relations jivaros, haute-Amazonie* (Descola 1993) após *La Nature Domestique: Symbolisme et praxis dans l'ecologie des Achuar* (Descola 1986).

Suzanne Chazan-Gilli⁷ faz um contraponto interessante entre a sua própria pesquisa e escrita sobre o ritual *do banho das relíquias*, em Madagascar, em 1968, e um romance sobre o mesmo ritual de Michèle Rakotoson, em 1978. No contraponto, mostrando as inversões e reversões entre os dois livros, o romance e o texto antropológico, Suzanne nota como o cânone da observação controlada e a importância de se levar em conta a conjuntura desloca para notas de rodapé o que no romance ganha relevância. No romance, o mito torna-se um sonho inacabado e um enredo esconde o ritual. Curiosamente, o ritual eludido no romance ganha mais complexidade do que no texto antropológico. Depois deste contraponto Suzanne Chazan-Gillig (1998) opõe ambas experiências a uma terceira, uma pesquisa e escritura de 1990, na qual a própria autora implicara-se pessoal e diretamente na colaboração com o grupo local. Em grandes linhas, além da distinção escrita antropológica e escrita literária há aqui a escrita comprometida, engajada, colaborativa modificando o que se compreende como escrita antropológica, até mesmo pondo em dúvida se o seria.

II. De escrita, descrição e grafia

Quem não se lembra daquela inesquecível evocação-descrição de Frazer (1922) no *The Golden Bough* (O Ramo Dourado)? Eu o cito:

Quem não conhece o quadro de Turner sobre o ramo de ouro? A cena, banhada do brilho dourado da imaginação com que Turner impregnava e transfigurava até mesmo a mais bela paisagem natural, é uma visão onírica do lago silvestre de Nemi – “Espelho de Diana” – como era chamado pelos antigos².

Frazer continua, e, com suas palavras escritas ao lado de uma reprodução do quadro de Turner, nos vemos simultaneamente no quadro de Turner e no lago de Nemi, onde vislumbramos a própria Diana nas páginas do livro *The Golden Bough*.



2 Do original: “Who does not know Turner’s picture of the Golden Bough? The scene, suffused with the golden glow of imagination in which the divine mind of Turner steeped and transfigured even the fairest natural landscape, is a dream-like vision of the little woodland lake of Nemi – ‘Diana’s Mirror’ –, as it was called by the ancients. No one who has seen that calm water, lapped in a green hollow of the Alban hills, can ever forget it. The two characteristic Italian villages which slumber on its banks, and the equally Italian palace whose terraced gardens descend steeply to the lake, hardly break the stillness and even the solitariness of the scene. Diana herself might still linger by this lonely shore, still haunt these woodlands wild (Frazer 1922: 20-28).

O quadro de Turner compõe com a escrita de Frazer, a descrição do lago de Nemi e do ramo dourado, que levará ao tema da magia, do conhecimento e da política, como depois enfatizaria Sahlins sobre o tema da morte do deus e do rei.

Reconheçamos, portanto, que na antropologia - e este é o ponto de vista deste artigo - o estatuto da descrição é um assunto instigante e problemático. Constante, mas subsumido na discussão sobre a escrita. Estou sugerindo outra resposta à pergunta “o que fazemos na antropologia”? Teorizamos com narrativas e descrições, não seria a resposta? Embora com o adjetivo densa (Geertz 1989) tenha sido afirmada como uma descrição interpretativa contra o suposto positivista, para muitos a descrição seria uma cópia passiva do objeto.

Para Fernando Gil (1998), entretanto, a descrição não é por si realista, e à descrição, reinventada, não se deveria pedir a sua adequação a um fato estável ou a um objeto que lhe seria anterior. Não arbitrária, nem cópias, nem interpretações, o que é descrito joga a sua luz no olhar do sujeito que descreve, e ambos se fazem presente na descrição. As variações descritivas indicariam que elas e os fatos constituem-se mutuamente em suas variações, na conjunção entre quem descreve e quem ou o que é descrito. Mesmo porque, poderíamos acrescentar, a descrição deveria manter a insatisfação como uma descrição das coisas como as conhecemos, como lembra Strathern (1999) ao afirmar a necessária tarefa de se criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo (para Strathern, o texto escrito). Como Ashley Lebner (2016) diz em seu artigo, a descrição é, em Strathern, uma redescricao que começa desconcentrando os conceitos, ou seja, descrever implica uma relação com os conceitos. Também, com a política, tendo em vista a crítica aos conceitos que se reproduzem ao invés de se transformarem, como a bem conhecida crítica ao conceito de sociedade. Há assim muitas distinções a serem levadas em conta, e que não se restringem àquelas entre escrita, oralidade e imagem. Ou entre descrição social e texto, a primeira como tarefa científica e a segunda como experimentação da escrita e construção textual. O debate é longo e controverso. Nele eu destacaria o artigo de Roldán (2002) contestando a etnografia como um gênero literário, e a autoridade etnográfica assentada na capacidade de persuasão do autor, Roldán afirma que a validação etnográfica é extratextual e se assenta no modo como é feita a pesquisa de campo, no material conseguido, e em como a combinação entre teoria e dados dá origem a textos etnográficos.

Ao analisar os doze cadernos de campo de Malinowski referentes à sua primeira estada no campo, do final de junho de 1915 até meados de fevereiro de 1916, Roldán justapõe as duas escritas, incluindo as marcações com canetas coloridas nos cadernos,

e como foram levadas ao texto final, indicando as estratégias narrativas usadas por Malinowski e os seus procedimentos de passagem das noções registradas à constituição etnográfica e à argumentação. Por exemplo, embora aqui apenas mencionando sem me estender, de como Malinowski lida com as divergências sobre o estatuto do baloma e os níveis distintos das concepções particulares e das generalizações.

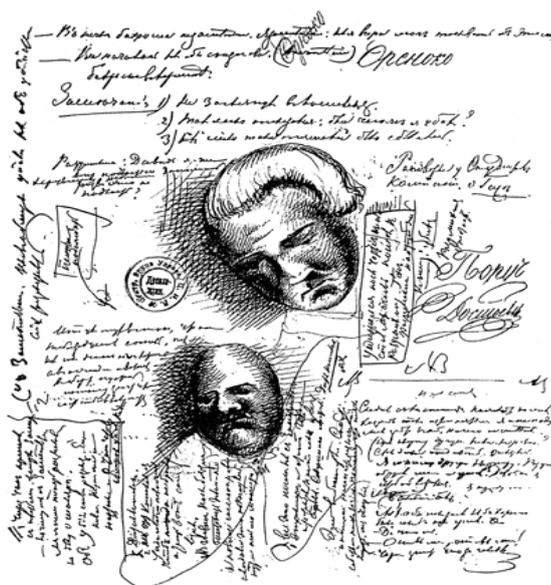
O percurso de Roldán é elogiável. Não poderia ter feito melhor escolha para se opor aos supostos da introdução ao *Writing Culture*, o que me parece dar o tom de seu artigo. Porém, porque não oculta seus oponentes – os argumentos de Clifford (1986) e Geertz (1988) – ele reduz outras mediações da experiência do antropólogo. E esta é uma das armadilhas de focalizar a controvérsia na escrita antropológica. Ou mesmo, de supor a univocidade de sentidos da palavra escrita. Para Strathern (*op. cit.*) o momento etnográfico, embora seja um momento de imersão, não é a única atividade em que a pessoa está envolvida, e a alternância entre os locais de atuação do(a) etnógrafo(a), produz trocas de perspectivas. A escrita etnográfica (distinta de relatório ou reportagem) não seria derivada nem residual, mas criaria um segundo campo (*op. cit.*: 2). Os dois campos se tocam e têm também sua própria dinâmica ou trajetória prolongando o campo longe dele. A divisão entre os dois campos – o da observação e o da análise (*op. cit.*: 232) – e atração divergente que é exercida sobre o conhecimento, pode levar o(a) antropólogo(a) a supor duas trajetórias, uma pertencendo à observação e outra à análise. Salientando o efeito designado como a “consciência aguda da tração” e o do momento etnográfico, haveria uma relação que junta o que é entendido (que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise). Este segundo efeito, como momento de conhecimento ou de discernimento, denota uma relação entre a imersão e o movimento (*op. cit.*: 233).

Assim, a descrição-narração, necessária e problemática na pesquisa e escrita antropológica, está também em sua relação com a imersão e movimento. É preciso notar que em Strathern, e nas minhas duas referências, a palavra escrita foi seguida por um parêntese, em um dos parênteses abertos por ela depois da palavra escrita, lemos, como “meio expressivo”, em outro, “análise”. O importante, e o que pretendo aprofundar em outra oportunidade, é que em Strathern, particularmente na parte dois do efeito etnográfico, ao qual fiz referência, a escrita é um conceito.

Ora, e se suspendermos a escrita como absoluto para reintegrá-la como relativa? É já bem conhecido, embora não necessariamente bem reconhecido, que a descrição se faz com imagens pictóricas, com desenhos, gráficos, fotografias, notações sonoras, nas anotações de campo, nos manuscritos, nos textos publicados. Antropólogos escrevem,

e, não apenas escrevem. O que sugiro pode nos deslocar da escrita para a grafia (aqui recuando ao sentido etimológico arcaico de *graphein*, *grapho*, ou seja, a sinais de rastreamento, a linhas, a gravar, a arranhar, e escrever). Uma antropografia a qual se referiu Ingold (2011)³? Mas a grafia é aqui considerada como ampliando a visibilidade do sensível no processo de conhecimento, não se restringindo a inscrições ilustrativas e, portanto, interferindo na reflexão e na análise.

Para Taussig (2011), por exemplo, o desenho, como a escrita (embora seja bom não esquecer que as letras são desenhadas, na caligrafia, ou produtos do design, na escrita digital) é na antropologia um dispositivo de compreensão. O desenho como dispositivo de conhecimento, ou, melhor, como meio analítico conforme sugere Taussig, tem um exemplo primoroso nos estudos da literatura. O que nos é oferecido por Konstantin Barsht (2001a; 2001b; 2004) em sua análise da obra de Dostoievski.



Ил. 13

Новый план романа "Преступление и наказание" (третья, окончательная редакция). Набросок лица молодого человека с чертами Наполеона Бонапарты. Осень 1865 года.

233

Diz Barsht que a representação do processo criativo do escritor será distorcida se não levamos em conta todos os aspectos de suas anotações nos manuscritos, incluindo a

3 Particularmente na Parte V e Epílogo, pp. 177-243. Por exemplo: "In brief, I shall show that graphic anthropology is really a kind of anthropology, which differs from ethnography in so far as it is founded in a relation of correspondence. Drawing makes possible a descriptive correspondence, as distinct from the non-descriptive correspondence of written anthropology, and the non-correspondent description of written ethnography." – Cap. 18, p. 252, nota 2.

sua expressão gráfica. A escrita criada por Dostoievski gerou um sistema de signos- icônicos e verbos-icônicos. Mas, de fato, Dostoievski, não teria se contentado em tomar notas para escrever, mas fazer com que o significado das palavras interagisse com outros significados expressos em imagens visuais permitindo a encarnação artística do mundo sensível na composição de personagens e enredos. Ao longo de seu processo criativo o escritor modificava a forma das notas preparatórias indicando a importância que a expressão gráfica da obra significava para ele, dando faces distintas a cada um dos manuscritos.

Barsht faz uma análise fina de Crime e Castigo, comparando o manuscrito e a obra publicada, o contexto de ambas, o processo do escritor, mostrando como no processo de combinação das grafias, neste artesanato, o escritor vai se afastando do personagem. O importante é que este afastamento se fazia na composição, sem a imposição de uma mecânica ou um método de afastamento. Pode-se dizer que esta genética do texto literário está longe do que faz e do que interessa à antropologia. Mas, embora haja uma relação intrínseca da antropologia com a literatura, na formulação de conceitos e na composição de textos (inúmeros exemplos já foram dados e não repetirei aqui tais referências⁴), o que importa para o meu argumento é o que subjaz na referida escrita ideográfica, e que o foco na escrita, seja a sua forma, seja os seus tropos, deixa de lado. Refiro-me à encarnação artística do mundo sensível na trama narrativa ou na redescrição. Ora, não seria disto também que fala aquele diálogo de Roy Wagner com o Coyote no *Coyote Anthropology?* (2010):

- Roy: So why is perception a fake?

- Coyote: See, Roy, we do not see the world we see, hear the sounds we hear, touch the things we touch, or in any way perceive what we perceive, but that something else comes in between (2010: 3).

Diferentemente, também não seria do que fala aquele encontro com a prática de exposição dos melanésios relatado por Strathern (1999: 8)? Ali uma experiência estética afeta a percepção e escrita (“reflexão”) da antropóloga. O que aproxima a etnografia de uma prática revelatória quando Strathern convida o leitor (reparem novamente a alusão à escrita, na referência da antropóloga a um leitor) a considerar o que não é revelado na evidência do que o é.

Invisibilidade e evidência, relação exaustivamente tratada pela filosofia, inclusive

4 Tratei deste tema em Kofes (2009), na parte Final, páginas 289-303.

na perspectiva instigante de Shriver (2010)⁵, na aproximação entre Heidegger, Merleau-Ponty e a filosofia oriental. Particularmente, na aproximação que Shriver elabora entre a noção de Yugen, de Zeami, a Merleau-Ponty. Sobre a reversibilidade entre o visível e o invisível, no padrão de sombras que uma coisa contra a outra permite perceber e criar. Algo como um ver sem os olhos, e a estética como a percepção pelo sensível. Esta perspectiva desestabiliza a convenção que separa interior e exterior (e derivações como sujeito e objeto, espírito e mundo, etc.). Deste ângulo, o que está em questão é a estética, aqui considerada enquanto campo do sensível, da percepção, da encarnação do invisível, e não na referência ao gosto ou ao belo. A estética assim concebida habita tensamente o fazer antropológico, conhecimento que é também comprometido com o método e com os pressupostos de cientificidade.

Habitada por conhecimentos, experiências e expressões múltiplas, a antropologia não pode ser reduzida ao que ela mesma não deixou reduzir, à escrita. Deslocar a grafia é reconhecer a escrita como uma – e o valor predominante que pode ter – entre outras maneiras de descrever, narrar e analisar.

Retomo então o que já foi dito anteriormente, relevar a descrição e narração como ofício antropológicos, e que se fazem com desenhos, gráficos, notações musicais, fotografias e escrita. Para isso, evoco duas outras referências etnográficas, e haveria outras. Uma, no livro *A Queda do Céu* (2015), diz Kopenawa:

Nós, Yanomami, quando queremos conhecer as coisas, esforçamo-nos para vê-las no sonho. (...) beber yãkoana para que eu mesmo contemplasse a dança dos espíritos no tempo do sonho. (...) as imagens dos xapiri são o nosso histórico. É a partir delas que podemos pensar com retidão. É por isso que eu digo que nosso pensamento é parecido com as peles de imagens nas quais os brancos guardam os desenhos das falas de seus maiores (Kopenawa & Albert, 2015: 465-466).

Outra, a história de Sangama, conforme contada e analisada por Peter Gow (1990), onde encontramos inter-relações entre alfabetização, grafismos e xamanismo na Amazônia. Ler, ler o jornal, na perspectiva de Sangama, era olhar para um corpo, para uma

5 Em outro artigo, sobre ontologia e invisibilidade, Shriver aproxima a complexa noção de yugen com o invisível em Merleau-Ponty, que envolveria o visível com a profundidade, que criaria um canal, um estreito, uma passagem entre o horizonte exterior e o horizonte interior. O invisível seria uma profundidade interna através do qual o visível é tornado visível pela sua diferença, ou seja, o não-visível. É, portanto, mais do que o que sugere. O que ecoa para a antropologia são os efeitos destes pressupostos na observação e descrição. Ecoa ainda na concepção de “parar o mundo” de Don Juan e Wagner, ou seja, a insatisfação com a descrição comum. Equivalendo ainda à invisibilidade da interação estética.

mulher de lábios pintados de vermelho, era ouvir a suas mensagens diretamente dirigidas a ele para que ele as transmitisse aos parentes. Conforme ele dissera uma vez, os seus olhos não eram como os das outras pessoas, ele sabia ler, os jornais falavam com ele. Para Sangama o papel tinha um corpo, era uma mulher de lábios pintados de vermelho. Ele mostrava a mulher para Zumaeta, seu primo, mas este não via nenhuma mulher, apenas o papel. Da perspectiva de Sangama o texto era uma pessoa que falava com ele.

Ora, diz Gow, em uma concepção ocidental mais popular, a escrita, principalmente o alfabeto, é uma representação visual da linguagem, as palavras sendo representações visuais de discurso. Sangama, ao experimentar o texto diretamente com o papel, na forma de uma pessoa, “uma mulher com a boca pintada”, não se distancia muito desta concepção. Mas, nem se distancia também da importância do grafismo da arte Piro e da experiência visual e das metáforas do xamanismo. O grafismo Piro não designa, conforme Gow, um conteúdo semântico ou representacional. Está em relação com o controle geral da superfície. Os objetos teriam componentes gráficos e plásticos, e os Piro assimilaram o componente gráfico da escrita europeia à sua própria categoria de “desenho”. O interessante do argumento de Gow é que, enquanto os ocidentais têm procurado em vão uma chave semântica no componente gráfico da arte Ucayali, os Ucayali escolhem o componente plástico da escrita europeia como uma explicação para o poder dos brancos intrusos. Sangama enfatiza o papel e não a escrita, e o papel é a voz da mulher que fala com ele, como um sopro que ele ouve, analogia com o xamanismo.

No xamanismo, as visões da ayahuasca, e a profusão de imagens nas canções de cura, nos leva a entender que para Sangama a leitura é uma transformação de papel, uma superfície coberta com “desenho”, em uma mulher corpórea que fala para ele, e que revela informações sobre lugares distantes e sobre as atividades e intenções de seus habitantes.

III. Final

Com o percurso heteróclito que fiz, seguindo alguns rastros e os justapondo, estou sugerindo um deslocamento da ênfase na escrita e uma atenção às diferenças de seus sentidos para o desafio da (das) grafia(s) na pesquisa antropológica e a inspiração estética como intrínseca à experiência antropológica. Não se trata de subsumir a antropologia à arte e à literatura, nem necessariamente transformá-la em objetos, nem a sugestão de sua hibridização. Trata-se, sugiro, de dobras e de contágio, e de tensões. O compromisso

com a descrição e com a narrativa descarta oposições como imagem e escrita, oralidade e escrita, e outras. Resta a dúvida sobre o nexo entre descrição-narrativa e observação, conceito e análise.

Dos autores que citei, dois antropólogos exploram particularmente tais relações, embora o façam diferentemente. Ingold (2011; 2013; 2015), que não prescinde do que chama de uma prática da observação e da descrição com as linhas, e Strathern (1999), sobre o duplo campo, o da pesquisa e o da escrita (observação e análise).

Afinal, conhecendo e operando desde a sua constituição com a diversidade das grafias, porque foi que a escrita se tornou o recurso privilegiado para convencionalizar (e, normativizar) o modo de expressão antropológico? Creio ser esta a questão que Ingold quer enfrentar na sua concepção de antropografia, de linhas e de singularidade. No caso, singularidade conforme Deleuze (2003), que ao se referir à controversa questão sobre o sujeito (a constituição de si) diz que, por singularidade, é preciso entender não alguma coisa que se oponha ao universal, mas um elemento qualquer que pode ser prolongado até a vizinhança de outro, de maneira a formar uma junção.

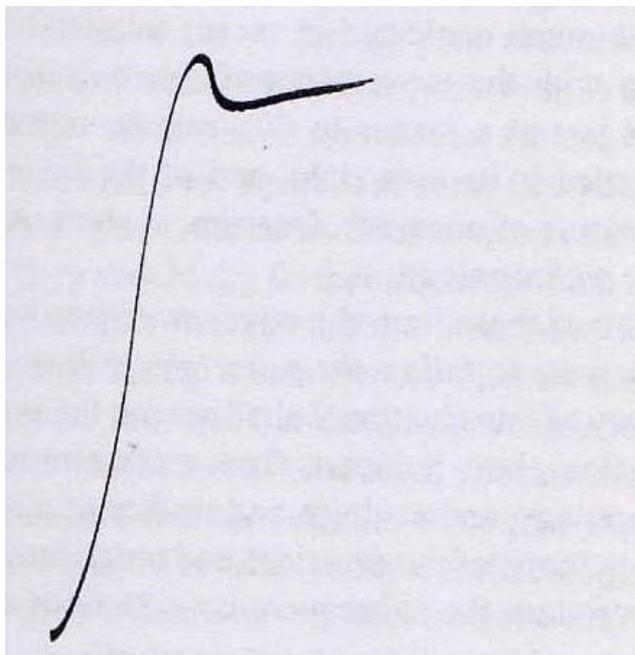
Torna-se assim inspirador quando, na introdução do livro *Lines, A brief History* (Ingold 2007), ele indaga:

What do walking, weaving, observing, singing, storytelling, drawing and writing have in common? The answer is that they all proceed along lines of one kind or another (*id.*: 1).

Ou, quando conta na introdução à coletânea *Redrawing Anthropology* (Ingold 2011) que em um dia de verão, há alguns anos, ele e esposa voltavam da costa nordeste da Escócia, após uma breve férias, pararam então em um bonito e bem conhecido local não muito longe de Inverness. Uma caminhada curta pela mata os levou até as margens de um rio atravessado por uma ponte que oferecia uma visão espetacular de uma cachoeira. Enquanto olhavam para a cachoeira, diz ele:

A nossa atenção foi arrebatada pelo seu tumulto, quando a minha esposa avistou o que parecia um raio prateado atirado para cima desafiando as águas que mergulhavam e desapareciam na espuma. Eu não notei, mas antes que eu tivesse tempo de lamentar a minha falta de atenção, houve outro. Desta vez eu estava alerta, e o vi. Logo depois houve outro e ainda outro. Foi uma visão fascinante e ainda guardo a impressão até hoje. Estávamos, claro, assistindo salmões fazendo o seu caminho rio acima em direção ao seu campo de desova (Ingold 2013: 1-2).

E completa – “Eu poderia desenhar o que vi assim”:



“Bom, isto não é lá grande coisa”, eu o ouço dizer, “é apenas uma linha. Que apenas um olhar não daria muito a ver”, diz Ingold. “É preciso olhar com ela: o movimento que descreve a minha própria observação, de como assisti o salto dos salmões na cachoeira. Nesta linha, movimento, observação e descrição se tornam um. E esta unidade é nada menos do que a própria linha” (*id. ibid.*).

Com isto, conceito-desenho, imagem-descrição, observação-narração poderiam formar nós, formações singulares, com a multiplicidade de linhas em seu próprio traçado. Para Ingold, o movimento crescente aproxima-se do que Deleuze chama de continuum, e o ponto de enredamento de Ingold seriam os pontos de concentração de Deleuze. Não uma solução de compromisso ou uma síntese, ou, uma conjunção não problemática. Para começar a pensar em dobra entre as disjunções apontadas será preciso lançar mão do paradoxo, ou para dizer com Deleuze, relevar uma instancia paradoxal.

Não seria então o caso de ressaltar que noções caras à antropologia como descrição, narrativa, imagens, grafismos, grafia, e escrita contêm a estética, aqui compreendida como operação do sensível, percepção e expressão, e, ao mesmo tempo, contêm observação, conceito, e análise, na torção entre a estética e a ciência, ou o que se convencionou como o sensível e a razão.

Como observei logo antes, Ingold e Strathern, não prescindem de uma prática da observação e descrição-narrativa, a escrita (no sentido da reflexão) em Strathern, a grafia, em Ingold, não remeteria à contemplação desinteressada de um mundo de objetos, nem a tradução de objetos em imagens ou representações mentais. Se assim for, não é preciso escolher entre Roldán e Clifford, ou assumir as antinomias frequentes. Pois é próprio da antropologia movimentar-se, mesmo que muitas vezes envergonhada, entre a sua narrativa canônica como um modo de conhecimento científico e seu duplo, arte e literatura. Mas é preciso mais, o que espero aprofundar em outro momento, é preciso retirar o privilégio do olhar na observação e ampliar os sentidos com os quais ela opera.

Evoco então, e para terminar, um conto de Henry James: “A bela esquina”. Nele, há uma presença fantasmagórica que se desvenda como o duplo do personagem Spencer Brydon, um fantasma de si mesmo, e do qual se exilara. Nos rastros dos textos antropológicos aos quais me referi, a presença fantasmagórica é chamada e afastada. Deixo-lhes o convite para pensar sobre estas questões. Lembrando que mesmo a descrição, associada à observação, retém a presença fantasmagórica, pois, lembremos a clássica, elogiada e belíssima descrição de Malinowski sobre a visita dos Baloma na festa de milamala, afinal, ele descreve o que não vê. Ou teria ele visto os espíritos dos mortos?

Referências

- BALANDIER, George. 1994. “L’effet d’écriture en anthropologie”. In: *Communications Année*, (58)1: 23-30.
- BATESON, Gregory. 2006 (1936). *Naven: Um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da nova guiné*. São Paulo: Edusp.
- BARSH, Konstantin. 2001a. “L’écriture dessinée: une ‘idéographie créatrice’”. In: *Revue Item*. URL: <http://www.item.ens.fr/index.php?id=223406>.
- _____. 2001b. “Dostoïevski: le dessin comme écriture”. In: *Genesis (Manuscrits-Recherche-Invention)*, (17): 113-130. URL: www.persee.fr/doc/item_1167-5101_2001_num_17_1_1200.
- _____. 2004 (1996). *Dostoïevski: Du dessin à l’écriture romanesque*. Paris: Hermann.
- CHAZAN-GILLIG, Suzanne. 1998. “Lieux de parole et d’écriture”. In: *Journal des anthropologues*, (75): 45-62. URL: <http://journals.openedition.org/jda/2637>.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George (eds.). 1986. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. California: University of California Press.
- DELEUZE, Gilles. 2003. *Resposta a uma questão sobre o sujeito*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. URL: <http://intermidias.blogspot.com.br/2008/10/resposta-uma-questo-sobre-o-sujeito-por.html>.

- FRAZER, James. 1922. "I. The King of the Wood". In: *The Golden Bough: A Study of Magic and Religion*. New York: MacMillan Publishers, pp. 20-28.
- GEERTZ, Clifford. 1988. *Works and Lives: The Anthropologist as Author*. Stanford: Stanford University Press.
- _____. 1989. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, pp. 13-41.
- GIL, Fernando. 1998. "La bonne description". In: *Enquête*, (6): 129-152. URL: <http://journals.openedition.org/enquete/1493>.
- GOW, Peter. 1990. "Could sangama read? The origin of writing among the Piro of Eastern Peru". In: *History and Anthropology*, (5)1: 87-103. URL: <<http://dx.doi.org/10.1080/02757206.1990.9960809>>.
- INGOLD, Tim. 2007. *Lines: A Brief History*. London: Routledge,
- _____. 2011. *Being Alive: Essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge.
- _____. 2013 (2011). *Redrawing Anthropology*. Farnham: Ashgate, 2ª Ed.
- KOFES, Suely. 2009. *Dilemas da maçonaria Contemporânea*. Campinas: Ed. Unicamp.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A Queda do Céu*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEBNER, Ashley. 2016. "La redescription de l'anthropologie selon Marilyn Strathern". In: *L'Homme* (218): 117-149. URL: <http://journals.openedition.org/lhomme/28946>
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1965. "App. II. Confessions of Ignorance and Failure". In: *Coral Gardens and their Magic*. Indiana University Press, pp. 452-480.
- _____. 1976 (1922). "Introdução: Tema, Método e objetivo desta pesquisa". In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.
- ROLDÁN, Arturo Álvarez. 2002. "Writing ethnography: Malinowski's fieldnotes on Baloma". In: *Social Anthropology*, (10)3: 377-393. European Association of Social Anthropologists 377, Printed in the United Kingdom.
- SHRIVER, Ryan. 2010. "Mask and Shadow, Eye and Mind: Reversibility and Depth". *Spring* pp. 1-14. URL: https://www.academia.edu/245636/Mask_and_Shadow_Eye_and_Mind_Reversibility_and_Depth.
- STRATHERN, Marilyn. 1999. "The Ethnographic Effect I&II". pp. 1-28 / 229-233, in: STRATHERN, M. *Property, Substance and Effect*. London: The Athlone Press.
- TAUSSIG, Michael. 2011. *I swear I saw this*. Chicago: The University of Chicago Press.
- WAGNER, Roy. 2010. *Coyote Anthropology*. Nebraska: University of Nebraska Press.

Recebido em 30 de setembro de 2019.

Aceito em 28 de outubro de 2019.